



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

**SABERES INTERCULTURAIS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS NÃO ESCOLARES
EM PESQUISAS SOBRE PEDAGOGIA DECOLONIAL E INTERCULTURALIDADE
NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

Saberes Interculturais na Perspectiva de Autores Indígenas e Quilombolas

Área do conhecimento: Ciências Humanas
Subárea do conhecimento: Educação
Especialidade do conhecimento: Tópicos Específicos de Educação

Relatório Final
Período da bolsa: Setembro/2021 a Agosto/2022

ESTE PROJETO É DESENVOLVIDO COM BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PIBIC/CNPq

Orientadora: Marizete Lucini
Autora: Ivana Maria Santana Andrade

SUMÁRIO

1. Introdução.....	3
2. Objetivos.....	10
3. Metodologia.....	11
4. Resultados e discussões.....	11
5. Conclusões.....	21
6. Perspectivas de futuros trabalhos.....	23
7. Referências bibliográficas.....	23

1. Introdução

A confluência é esse encontro que vai e que volta, onde se juntam, se misturam, se fortalecem, mas não deixam de existir. Assim como o rio não deixa de ser o mesmo rio porque se encontrou com outro rio. Eles passam a formar um só rio até a foz, mas do encontro até a nascente cada um continua sendo o rio que nasceu. (Antonio Bispo).

Este trabalho foi pensado a partir de um outro estudo de Iniciação Científica (2020-2021/CNPq), vinculado ao Projeto de Pesquisa “Pedagogia decolonial e interculturalidade: diálogos possíveis em experiências educativas não-escolares em múltiplos territórios”. Neste plano, intitulado de “Estado da arte de pesquisas sobre pedagogia decolonial e interculturalidade em múltiplos territórios”, nos propusemos a ampliar o olhar investigativo acerca das temáticas Educação e Interculturalidade, realizando um levantamento dos trabalhos que tratavam dessas áreas nos últimos cinco anos. A partir disso, produzimos um estado da arte relacionando-o com as pesquisas encontradas e com as análises bibliográficas que tratavam dessas temáticas.

Assim, através do estudo das temáticas à luz da literatura contemporânea, foi possível compreender alguns conceitos que auxiliaram na reflexão sobre a pedagogia decolonial e a interculturalidade. Para isso, dialogamos com diversos autores de vertentes decoloniais e anticoloniais, como Candau (2009), Oliveira (2016), Césaire (1978), Fanon (2008), Fleuri (2001), Ballestrin (2013), Quijano (2010). Com eles, foi possível pensar numa outra possibilidade de sociedade e de educação, que se contraponham às determinações coloniais herdadas da colonização e à todas as violências imbuídas nas práticas colonizadoras perpetuadas também pela classe dominante do país.

Para tanto, compreender o conceito de pedagogia decolonial foi importante pois nos permitiu acessar uma universalidade de questões e refletir sobre a definição pré-existente de educação, entendendo como ela se relaciona intimamente com a ideia de civilização, um dos braços do imperialismo.

Dessa maneira, refletindo sobre a decolonialidade, pudemos destacar que decolonizar significa defender uma prática política – que também é pedagógica, que se contraponha à geopolítica hegemônica monocultural e monoracial, enfrentando e transformando as estruturas que se fundem na lógica de dominação ocidental e, conseqüentemente, de sua perpetuação como colonialidade. Trata-se, portanto, de uma postura teórico-prática de

enfrentamento à opressão vivida pelos sujeitos subalternizados, sendo os negros e negras, indígenas, mulheres, comunidade LGBTQIA+ e quaisquer outros que ousem ir em direção contrária à doutrina racista e colonial. (OLIVEIRA, 2016).

Sendo assim, pensar e efetivar um outro modelo de pedagogia, a decolonial, se constituiu como uma reflexão fundamental para a superação da colonialidade e todos os seus impactos, constituindo-se em pensar e fazer pedagogia na perspectiva de desconstruir concepções – psíquicas, sociais, epistêmicas, ontológico-existenciais – advindas de um processo histórico produzido na modernidade.

Além disso, no diálogo com Freire (2004), foi possível perceber que esta opção teórica de questionamento das forças da colonialidade é um trabalho que estimula “novas formas de ação política, insurgência e rebeldia, ao mesmo tempo que constroem alianças, esperanças e visões ‘outras’ de estar na sociedade, dando substância e legitimidade ao sonho ético-político de vencer a realidade injusta”. (FREIRE, 2004 apud WALSH, 2009, p. 38).

Na perspectiva de enfrentar uma realidade injusta, a pedagogia decolonial nos desafia a construir uma prática pedagógica que assuma a responsabilidade e o compromisso com a transformação, criação e efetivação de um projeto político, social, epistêmico e ético, que resista aos padrões de poder coloniais e que contrarie a lógica hegemônica historicamente constituída e imposta às sociedades colonizadas. Uma postura teórico-prática que se contraponha à subjugação que é pedagogicamente reificada em muitas práticas escolares, inviabilizando a continuidade dos modos de existência de muitos grupos sociais, principalmente aqueles cuja existência se situa no âmbito dos grupos de tradição oral, como indígenas, ribeirinhos, quilombolas, caiçaras, sem-terra, pescadores, ciganos.

E esses questionamentos são reforçados na perspectiva da interculturalidade, como um campo necessário a uma pedagogia decolonial. Na reflexão possibilitada pelos estudos relativos à pedagogia decolonial, emerge a necessidade de uma abordagem intercultural na educação dentro dos espaços educativos formais, de forma que ultrapassasse a perspectiva multiculturalista, considerada por alguns autores como simplista e de pouco aprofundamento, quando compreendida como apenas uma situação em que grupos culturais diferentes coexistem um ao lado do outro sem necessariamente interagir entre si. (FLEURI, 2000).

O sistema hegemônico no qual estamos inseridos nos faz crer que a educação institucional se configura também como hegemônica, por privilegiar noções eurocêntricas e com resquícios coloniais, desconsiderando a pluralidade de vivências, culturas e saberes de

diferentes grupos sociais em que as escolas estão inseridas. E é nessa perspectiva que compreendemos a necessidade de pensar a educação como uma prática social intercultural.

E, ao falar em educação intercultural, pensamos na possibilidade de efetivação de práticas pedagógicas libertadoras e reconhecedoras da diversidade cultural que nos constitui. Ainda no diálogo com Fleuri (2000), compreendemos que pensar a educação intercultural é pensar na diversidade, no respeito às diferenças. É descobrir a si mesmo e aos outros, é propor estratégias e ações interativas, de maneira responsável e solidária, e acima de tudo, visando a justiça e a equidade social.

Dessa forma, adotar a interculturalidade como prática significa adotar uma postura crítica e inclusiva diante das multiplicidades culturais, étnicas, de gênero, de orientação sexual. E, ao propor uma prática em que o diferente não deixa de ser o que é, a interculturalidade marca sua diferença fundamental em relação ao multiculturalismo, evidenciando oposições significativas se considerarmos as práticas sociais que são mobilizadas em sua operacionalidade.

Diferente da interculturalidade, a noção do multiculturalismo pode ser reducionista, pois nessa perspectiva, o foco pode não estar nas relações sociais. A ideia multiculturalista, ao adotar um mecanismo em que o diverso não é contemplado, mas incorporado, fortalece o pensamento único. Nesse sentido, a educação intercultural e decolonial objetiva a construção de relações democráticas participativas, promovendo a justiça social e que, de forma alguma, compactue com a lógica do mercado e da hegemonia capitalista. (FLEURI, 2012, p.16).

Esses conceitos, estudados na pesquisa anterior, nos levaram a desejar compreender o que os intelectuais negros e indígenas, Ailton Krenak e Antonio Bispo, tem concebido como interculturalidade. Nossa escolha recaiu para as produções dos dois autores bastante referenciados nos estudos sobre interculturalidade e pedagogia decolonial. que acessamos na pesquisa de Iniciação Científica (2020-2021/CNPq), vinculada ao Projeto de Pesquisa “Pedagogia decolonial e interculturalidade: diálogos possíveis em experiências educativas não-escolares em múltiplos territórios”. Pesquisa que também nos possibilitou importantes reflexões acerca da mudança de lugar acometida aos sujeitos que, antes marginalizados, estariam ocupando, atualmente, posição de protagonismo no cenário acadêmico brasileiro.

Com o levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o plano nos permitiu observar o crescimento do protagonismo dessas pessoas nas pesquisas científicas de pós-graduação, mais especificamente nas de Mestrado e Doutorado. Um protagonismo de

intelectuais que vivenciam a interculturalidade como prática social desde os seus grupos sociais, realizando um diálogo que desde a origem é intercultural, pois as cosmopercepções indígena e quilombola, para existir e reexistir, necessitam dialogar com as determinações colonizadoras, em contínuos enfrentamentos e negociações cotidianas.

Nesse sentido, o levantamento nos mostrou que, entre 2015 e 2019, pesquisadores e pesquisadoras vêm se interessando mais pelas temáticas indígena, racial e de gênero. Além disso, uma notável quantidade de pesquisas estava sendo escrita pelos indivíduos que tiveram sua dignidade e seus direitos negados historicamente, pois dos 259 trabalhos analisados, o eixo temático de maior quantidade das pesquisas obtidas foi, por exemplo, o que discorre sobre as questões indígenas (25,3%).

Dentre esses trabalhos, os estudos abordavam desde a interculturalidade em escolas e aldeias, formação de professores indígenas, narrativas de resistência de vozes importantes entre os povos originários, até as vivências de docentes universitários também indígenas ou análises do reflexo da colonialidade para os povos nativos dentro de suas aldeias, espaços de (re) existência.

Um exemplo de protagonismo indígena a ser citado é a dissertação de mestrado apresentada por Dorvalino Refej, intitulada “Kanhgág jykre kar - Filosofia e Educação Kanhgág e a oralidade: uma abertura de caminhos”. Dorvalino foi o primeiro pedagogo indígena formado pela UFRGS, e defendeu sua dissertação em 2017, pelo PPGEDU da mesma universidade. Esse trabalho objetivou registrar a oralidade para orientar o povo Kanhgág, os professores indígenas e os não indígenas, que possuem interesse e ou atuam nas escolas indígenas ou em temáticas sobre o mundo indígena.

Além disso, boa parte das pesquisas encontradas discorreram sobre as temáticas de gênero e raça. Estes trabalhos, em sua grande maioria, foram escritos por mulheres; e os que relacionavam gênero e raça, também possuíam protagonismo feminino e negro. Um desses, uma dissertação de mestrado, intitulada “A invisibilização das estudantes negras no ensino público de Brasília e suas consequências sociais”, escrita por Lucélia de Jesus Abreu em 2019, mostrou que existe forte presença do racismo estrutural na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, se traduzindo na invisibilização das alunas negras, desde a matrícula na instituição educacional até no planejamento do professor, que não aplica a lei 10.639.

A presença forte de pesquisas protagonizadas por sujeitos historicamente subalternizados, seja como autores e ou como colaboradores das pesquisas, nos possibilitou um novo olhar sobre as epistemologias outras, evidenciando a necessidade de superação da supremacia absoluta do conhecimento científico (BANIWA, 2008). Necessidade que nos impeliu a realizar um estudo bibliográfico sobre saberes interculturais na perspectiva de autores indígenas e quilombolas, entendendo como primordial a necessidade de compreensão das contribuições destes no campo epistêmico.

Esse estudo, ancorado nas bases de uma pesquisa de natureza qualitativa, foi realizado a partir da coleta dos materiais nos meios digitais. As obras produzidas pelos autores, as lives, entrevistas, seminários e conferências com a participação de Krenak e Bispo foram analisados juntamente com o complemento do referencial teórico secundário, que se tratou dos estudos de outros autores indígenas, quilombolas e autores que tratam da decolonialidade e interculturalidade.

Assim, neste estudo, nos propusemos a evidenciar os principais pontos que se referem à concepção de Educação e de Interculturalidade por Ailton Krenak e Antonio Bispo, bem como sobre as relações entre as duas temáticas e outras pertinentes ao movimento indígena e quilombola, que dialogam com a temática central da pesquisa.

Inicialmente, organizamos um material biográfico sobre os dois autores estudados, pretendendo, com isso, compartilhar a vida de cada um dos ativistas, evidenciando suas trajetórias individuais e coletivas, nas comunidades e fora delas, e o engajamento de cada um na luta contra-colonial dentro dos movimentos indígena e quilombola.

Abaixo, apresentamos um pouco do que nos foi possível conhecer sobre Ailton Krenak e Antonio Bispo.

1.2 Conhecendo um pouco da trajetória de Ailton Krenak.

Ailton Alves Lacerda Krenak é um líder indígena (do povo Krenak), ambientalista, escritor, professor e pesquisador. Nasceu em 29 de setembro de 1953, na região do Médio Rio Doce, em Minas Gerais, onde cresceu e estreitou seus laços com a Mãe Natureza até os 17 anos, idade em que se mudou para o Paraná junto com a sua família. Lá ele foi alfabetizado, estudou e se formou jornalista e produtor gráfico.

Na década de 1980, Ailton inicia sua jornada ativista, protagonizando a militância nos movimentos de luta pelos direitos indígenas. Assim, funda o *Núcleo de Cultura Indígena*,

ONG localizada na Serra do Cipó (MG) que, criada em 1985, objetiva expandir e promover a cultura indígena perante a sociedade. Devido a sua engajada luta no movimento, teve participação garantida na Assembleia Nacional Constituinte de 1986, organizada para a formulação da Constituição Brasileira de 1988. Lá, ele se destaca e deixa marcas profundas na história do país, principalmente sobre o direito dos povos indígenas.

No seu discurso na tribuna, Krenak, de terno branco, pintava todo o seu rosto com tinta de jenipapo, enquanto narrava o longo e histórico processo de violência e crueldade sofrido pelas populações indígenas e o retrocesso dos direitos desses povos em virtude da manutenção do poder econômico de um grupo. O peso dessa fala, juntamente com a luta dos demais líderes indígenas, resultou na elaboração de um capítulo na Constituição de 1988, que discorre sobre os direitos dos povos originários e possibilita que ações que desrespeitem o estabelecido constitucionalmente, sejam questionadas e julgadas.

Ademais, também nessa década, foi um dos fundadores da *União das Nações Indígenas (UNAI)*. Essa organização, tipicamente indígena, contava com discussões relacionadas aos direitos dos povos indígenas, buscando representá-los no cenário nacional. Um ano depois, em 1989, também marca seu ativismo no movimento articulando a Aliança dos Povos da Floresta, movimento que busca o estabelecimento de reservas naturais na Amazônia, onde fosse possível a subsistência econômica através da extração do látex da seringueira, bem como da coleta de outros produtos da floresta.

Cerca de 10 anos depois, Ailton retorna a sua aldeia e se dedica ao *Núcleo de Cultura Indígena*, organização cujas atividades se voltam à realização de um festival na Serra do Cipó (MG), denominado por ele de *Festival de Dança e Cultura Indígena*, que tem como objetivo principal promover a integração de diferentes povos indígenas. Até hoje, Krenak realiza esse encontro de integração entre os povos, como forma de celebrar a resistência das diferentes nações indígenas que sobreviveram aos processos de colonização e aniquilação.

Para além disso, o líder indígena também é uma figura ativa no combate aos processos colonizadores que perduram até hoje perante os diferentes povos. Assim, direciona sua luta contra a pobreza e o exílio dos povos originários provocados em sua maioria por garimpeiros, mineiros e madeireiros. Além de lutar para combater a influência dos homens brancos na terra, nos rios, na natureza e na cultura, compreende o passado colonial como fator estrutural e teme a emergência de sua perpetuação.

Ao longo dos anos, Ailton Krenak foi reconhecido por entidades e órgãos oficiais como um representante das lutas indígenas e como um intelectual indígena. Hoje, é comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República, além de ter sido assessor especial do Governo de Minas Gerais para assuntos indígenas de 2003 a 2010. Também é doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais (2016), e, na mesma universidade, é professor honoris causa de Cultura e História dos Povos Indígenas e Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais.

Autor de vários artigos e livros como: “O amanhã não está a venda” (2020), “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019), “A vida não é útil” (2020), “Ecologia Política” (2018), “Lugar onde a Terra descansa” (2000), foi premiado em 2020 pelo Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, oferecido pela União Brasileira de Escritores.

Nos últimos anos, têm sido voz importante na luta pelo reconhecimento e visibilidade dos impactos que a pandemia da COVID-19 tem levado às comunidades indígenas, como é possível observar em suas últimas publicações e discursos.

1.3 Conhecendo um pouco da trajetória de Antonio Bispo.

Antonio Bispo dos Santos, ou “Nêgo Bispo”, é um escritor, poeta, mestre-quilombola, lavrador formado por mestras e mestres de ofícios e militante. Nascido em 10 de dezembro de 1959, no Vale do Rio Berlingas, no Piauí, foi o primeiro da família de sua mãe a ser alfabetizado. Uma das maiores vozes da luta quilombola, transparece na sua escrita poética a crítica ferrenha ao colonialismo.

Esse gosto pela forma poética de escrita é explicado pela sua história. Quando mais novo, era o único da sua família alfabetizado e, portanto, era encarregado de transcrever os sentimentos, sabedorias e vivências de seus parentes para o papel. Esse fator despertou no poeta a imaginação e a vontade de aprimorar o que escrevia, mais tarde, sobre as lutas contra-coloniais e sua vida na comunidade.

Ao recordar sua infância, lembra de diversos ensinamentos de suas mestras e mestres do ofício e fala com muito orgulho de todos eles. Para ele, esse é também um processo contra-colonial, ao passo que o passado ancestral deve ser reverenciado e respeitado, jamais envergonhado. Bispo faz questão de falar em seus discursos, desde jovem, sobre a importância de não servir ao colonialismo com os próprios pensamentos, já que sentir dor também é contribuir com a alegria de quem coloniza.

Assim, na trajetória militante de Bispo é importante mencionar como ele se organiza na luta do movimento quilombola. Para tanto, integra como membro a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI), e a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Também se destaca perante a luta dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, compondo a presidência do Sindicato de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais de Francinópolis/PI e a direção da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Piauí (FETAG/PI).

Poeta, escritor e intelectual, que prefere ser chamado de relator de saberes e pensamentos, é autor de inúmeros artigos e poemas, bem como dos livros *Quilombos, modos e significados* (2007); e *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015). Reconhecido pelos seus feitos e suas formas de expor ao mundo os saberes ancestrais e tradicionais, foi professor e mestre convidado do projeto Encontro de Saberes na Universidade de Brasília, além de ter participado de diversas conferências, palestras e rodas de conversa organizadas por instituições, universidades e institutos federais e outros canais de mídia digital e televisiva.

Nas suas obras e contribuições orais em eventos, Bispo deixa claro a importância da postura contra-colonialista, reverenciando seus ancestrais e todos os seus saberes, buscando compartilhá-los por entre as demais pessoas. Assim, ele pretende não deixar morrer seus ensinamentos passados e vivenciados desde a infância.

Bispo, em seus escritos e participações orais em mesas e conferências, retoma historicamente o passado colonial e aponta tópicos de importante reflexão acerca da história da formação social do Brasil e sobre o silenciamento estrutural cometido às comunidades marginalizadas.

2. Objetivos

Essa pesquisa objetivou compreender os conceitos de Educação e Interculturalidade, bem como selecionar as obras e contribuições dos autores Ailton Krenak e Antonio Bispo, como livros, textos, poemas, entrevistas, documentários, palestras, conferências e seminários online. Com isso, o trabalho buscou evidenciar a análise das temáticas da Interculturalidade e Educação nas concepções dos autores estudados durante a pesquisa, para, posteriormente, realizarmos um texto sobre a temática da Educação Intercultural em Ailton Krenak e Antonio Bispo.

3. Metodologia

A metodologia adotada nesse plano de trabalho tem natureza qualitativa, se tratando de uma pesquisa bibliográfica. A partir da separação das produções de artigos e livros produzidos pelos autores, além das lives, entrevistas, seminários com a participação de Krenak e Bispo, assim como demais eventos relacionados aos dois, objetivamos identificar os conceitos de saberes interculturais presentes nas contribuições dos referidos autores.

Para tanto, foi realizado um levantamento dos trabalhos produzidos por Ailton Krenak e Antonio Bispo nos meios digitais. Os artigos, livros, poemas e textos foram encontrados nos próprios sites das revistas e editoras que publicaram, ou em outras plataformas que disponibilizam esses trabalhos gratuitamente para download em formato de PDF, como a Scielo (Scientific Electronic Library Online), que é uma biblioteca online e reúne diversos trabalhos produzidos por pesquisadores e autores ao redor do mundo. Além dessas plataformas, também selecionamos eventos em que os autores participaram, em formato de vídeo que foram salvos através do Youtube, divididos em playlists.

A partir disso, todas as obras e eventos analisados para a pesquisa foram selecionados e organizados em planilhas, destinadas a cada autor. Cada planilha foi subdividida em tópicos de separação como Natureza do Material; Título; Ano; Editora/Revista/Plataforma Digital; Descrição detalhada. Após a organização, foram feitas as análises das produções, juntamente com o complemento do referencial teórico secundário, que se refere a estudos de outros autores indígenas, quilombolas e autores que tratam da decolonialidade e interculturalidade.

4. Resultados e discussões

Na análise das produções de Krenak e Bispo, foi perceptível a postura intercultural nas reflexões explicitadas nos textos e nos discursos proferidos. Como parte do estudo, compreendemos que os conceitos e as ideias, ao passo que se interligam, também são significativas se analisadas separadamente. Por isso, percebemos e delimitamos, somente para fins de análise, diferentes campos de conhecimento que emergiram com força nas análises realizadas, evidenciando uma postura intercultural. Mais do que definições do que é interculturalidade, identificamos na análise realizada, uma postura teórico-prática diante do mundo que questiona as perspectivas hegemônicas que se impõe como práticas da

colonialidade.

Para tanto, evidenciamos os campos do conhecimento que dizem respeito: às relações cosmogônicas e à espiritualidade; à preservação do planeta; às práticas educativas.

Esses campos, que dialogam entre si e fazem parte das vivências e dos saberes do mestre quilombola e do ambientalista indígena, nos mostram que a interculturalidade pode se manifestar em diferentes espaços e significar, por muitas vezes, uma postura respeitosa e crítica acerca das relações do ser humano com o mundo. Assim, destacamos a intensa dedicação e ativismo de Ailton Krenak e Antonio Bispo como aspectos fundantes de sua atuação na sociedade brasileira.

As contribuições de Krenak e Bispo, possibilitam compreender a recorrente argumentação da necessidade de se posicionar fortemente contrário ao sistema que historicamente aniquilou povos e sociedades. Para isso, eles apontam como essencial a reversão de diversos fatores que rondam a vida cotidiana atualmente, e problematizam, em comum, a naturalização de termos e homenagens que contribuem e endossam direta ou indiretamente a hegemonia colonizadora.

Bispo, na maioria de suas apresentações em eventos e em alguns de seus escritos, se intitula e nos convida à auto intitulação de povo *afropindorâmico*. Para ele, é mais justo com os povos originários utilizar o termo Pindorama¹ para se referir ao país em que se vive, ao invés de Brasil. Ele adota esse pertencimento como forma de respeito aos que vieram antes dele e como forma de reconhecer e valorizar os saberes e os modos de vida que existiam e são legítimos desde muito antes dos processos de colonização (SANTOS, 2015).

Também nessa linha, Krenak questiona algumas nomenclaturas e homenagens ainda existentes, mas que ferem o passado de resistência e luta dos povos originários que aqui viveram e vivem, como nomes de rua em homenagem a bandeirantes e escravocratas e estátuas erguidas em homenagem aos colonizadores. Krenak questiona também, algumas instituições que se autodenominam como progressistas e se utilizam da pauta da diversidade cultural, contribuindo para esvaziar seus discursos quando não apresentam nenhum representante indígena ou quilombola nos eventos que organizam (KRENAK, 2019). Esse

¹ Do tupi-guarani, Pindorama significa “Terra das Palmeiras”. Este nome hoje é atribuído ao que se chama de Brasil, e advém dos povos originários que habitavam o país por volta dos anos de 1500, antes da invasão portuguesa. (RAMOS, 2020)

fato, para ele, enfraquece a luta anti-colonial, ao passo que a narrativa progressista se torna uma farsa, um instrumento que endossa a colonialidade em todas as suas manifestações.

Somado a isso, o escritor reitera o quanto ainda estamos imersos na colonialidade, pois as incompreensões acerca das questões indígenas pela sociedade contribuem para a perpetuação do lugar de apagamento e subjugamento dos povos que construíram sob muito sangue a história do país. Em *Antes o mundo não existia* (1992), Ailton Krenak traça um paralelo entre a distância das cosmologias, dos modos de ser e viver e das manifestações culturais dos povos indígenas pelos colonizadores; e, apontando este fator como menosprezo, asco e desvalorização dos saberes ancestrais, expõe que a humanidade, ainda hoje, é distante dessa realidade.

Dessa forma, com Krenak (1992), compreendemos que é importante resgatar e preservar a memória de todas as formas de enxergar o mundo pelos povos originários desde o tempo anterior à colonização portuguesa. E, essa herança ainda está sob a única responsabilidade dos povos indígenas, os guardiões da história e memória contra-colonial do Brasil. Assim, para o autor, é necessário que o mundo, cada vez mais ocidental, tecnológico e civilizado, passe a assumir a responsabilidade de proteger a memória dessas formas de existir no mundo. E a memória, diferente da história documentada dos livros, é apontada como primordial à valorização desses saberes.

Bispo (2022) na mesma perspectiva, apresenta a necessidade de valorização e preservação da memória do povo quilombola. Em uma de suas mais recentes contribuições, em *Diálogos Amefricanos: Confluências na Retomada*, conferência online realizada pelo Coletivo Legítima Defesa, o poeta expõe o quão significativo foi para a vida dele os ensinamentos compartilhados pelas mestras e mestres do ofício em sua comunidade e como ele carrega a memória e a ancestralidade de seu povo consigo, dividindo parte das suas experiências com os presentes.

No diálogo em questão, Bispo compartilhou que, para sua avó, uma de suas mestras, era imprescindível e vital que se tirasse um tempo para ficar em pleno e absoluto silêncio para contemplar a natureza. Assim, eles iam juntos sentar na cancela e ouvir o canto dos pássaros, o barulho do vento e das árvores, admirar as cores, os frutos, as nuvens. Dessa forma, estreitavam-se as relações do indivíduo com a natureza, além de ser uma forma de

respeitá-la, reverenciando-a em todos os seus aspectos. Essa é uma maneira que o mestre aponta como principal na preservação das práticas sociais herdadas dos seus ancestrais: a proteção e respeito pela memória.

Nessa perspectiva, os dois autores apontam diversas ações necessárias ao distanciamento da colonialidade em todas as suas manifestações. Como principal objetivo de vida, carregam a missão de ser contracolonialistas em todos os espaços que frequentam, sendo este o ofício de descolonizar, questionar e resistir à imposição colonialista sobre os modos de viver e conhecer dos povos colonizados. A missão de ser contracolonialista é definida por Bispo, mais especificamente, como uma experiência vivenciada, difícil de ser documentada em texto, livro, revista (SANTOS, 2015).

Desse modo, essa posição e forma contracolonialista de enxergar a vida e o mundo pelos autores, se manifesta nas relações de Krenak e Bispo com a natureza, com as cosmogonias, com a espiritualidade e com a educação, expressando a interculturalidade em seus diferentes aspectos que atravessa todos os âmbitos da vida. E essa interculturalidade nós percebemos fortemente nos eixos citados anteriormente, assim como nos demais diálogos estudados pelas plataformas de vídeo online, alguns até expostos durante essa discussão.

Nesse sentido, apresentamos algumas contribuições dentro dos blocos temáticos citados, pretendendo enunciar mais precisamente os principais discursos relacionados a cada um deles, que foram evidenciados no decorrer da pesquisa e que entendemos como interculturais porque só podem ser compreendidos e só terão algum significado, se os compreendermos como saberes que se efetivam como prática social nos dizeres e fazeres dos povos indígenas e quilombolas. Dessa forma, como já explicitado, apresentamos abaixo as reflexões apresentadas por Bispo e Krenak em eixos interligados, que abordamos na sequência, intencionando evidenciar os conhecimentos trazidos por eles e a importância de exponenciá-los no campo epistêmico.

4.1 Cosmogonias, espiritualidade, preservação da natureza e práticas educativas como dimensões interculturais

Ao procedermos pela análise das obras selecionadas observamos que as reflexões empreendidas circundam algumas temáticas com mais força. Temáticas que interligadas

evidenciam o diálogo intercultural que os autores estabelecem com o mundo como uma postura teórico-prática que engloba diferentes aspectos de suas cosmogonias. Formas de compreender a origem do mundo que contemplam a espiritualidade, se entrelaçam com necessária preservação da natureza e se efetivam como práticas educativas. Esses âmbitos do pensamento dos autores estão interligados e se efetivam em posturas teórico-práticas interculturais, pois se constituem em contestação e denúncia da perspectiva hegemônica que se pretende única e universal. Contestações que interrogam a pretensa universalidade dos saberes da ciência iluminista, a imposição de um deus único, a destruição do planeta pela falsa necessidade de acumulação e o silenciamento dos mais velhos que, na perspectiva indígena e quilombola evidenciada pelos autores analisados, podem transmitir os saberes ancestrais que permitem a continuidade da vida.

As cosmogonias expressas pelos autores nos possibilitam conhecer outras formas de relação com o mundo e com o que nele existe, principalmente ao evidenciar como o pensamento único se constituiu pela negação e demonização das cosmogonias indígenas e quilombolas, para justificar a intervenção na natureza. Ao denunciar a negação do outro que se efetivou pela eliminação dos corpos e da cosmologia dos povos originários, Krenak (2017), exemplifica que a sociedade colonial, para lidar com a falta de luz criou a energia elétrica, demonizando o escuro como algo do mal. Contudo, para o povo Krenak, o escuro também é cultuado, e por sê-lo, não pode ser demonizado, estigmatizado, digno de medo ou algo que precisa ser resolvido. No silêncio da noite, no escuro, deve haver respeito, admiração. Para esse período do dia, há diversos rituais específicos realizados por diversos povos, como “o desabrochar da noite”, no qual acontece a contemplação do escuro como parte legítima da natureza, e por assim ser, precisa ser entendido como algo sagrado.

Essa relação com o escuro, assim entendida como parte da natureza e por isso vital e sagrada, é contrária à cosmovisão monoteísta do sistema colonial, e por isso é compreendida também como uma forma de resistência aos resquícios coloniais que ainda atingem parte da sociedade. Dessa maneira, assim como Krenak, Bispo também aponta visões outras que buscam fazer parte do processo de contra colonização.

Adotando confluência como uma de suas palavras-chave, Antonio Bispo aponta como é importante, não apenas a confluência entre as pessoas, entre os saberes, entre os rios, mas também as confluências dos seres humanos com a natureza. Elas se dão por meio

de todas as interações dos indivíduos com o meio ambiente, e isto também se torna sagrado. Na maioria das vezes, as relações são profundas e ocorrem, em muitos casos, sem serem percebidas em sua grandiosidade. Para o mestre quilombola, a relação de confluência mais bonita do ser humano com a natureza se dá quando a terra dá o fruto, as pessoas se alimentam do fruto, e quando morrem servem de elemento fortificante de volta à terra.

A valorização da ancestralidade e da profundidade das interações da Mãe Natureza com os seres humanos, nas reflexões dos autores, é completamente ignorado pelo sistema colonizador. Esses discursos, fortalecidos na defesa da memória e da preservação dos modos de saber, fazer e ser, demonstram a característica mais forte da interculturalidade: o respeito às multiplicidades. E, assim sendo, nos permite compreender como ela se manifesta a partir do lugar de fala desses povos que, historicamente, foram marginalizados em suas multiplicidades culturais.

A efemeridade das relações sociais e pessoais na contemporaneidade (KRENAK, 1992) é um fator que também é apontado como contrário a tudo que é sagrado perante às comunidades indígenas. Nesse debate, o autor apresenta uma problematização de todo o esvaziamento do pensamento de grande parte da população acerca dos saberes, dos rituais, das danças, da relação íntima com a natureza, dos contos, das artes, das medicinas, das formas de educação. Esse processo é mencionado com grande lamento por Krenak, quando percebe que algo tão sagrado para seu povo é tratado como desdém ou sequer é tratado minimamente com respeito pelo resto da sociedade.

Além disso, outro fato que importa mencionar é a relação direta entre a ancestralidade e a espiritualidade. Dessa maneira, várias outras situações são compreendidas como sagradas e possuem a missão de serem eternizadas na preservação da memória. Um exemplo é a prática da capoeira, criada pelos povos afropindorâmicos, de cosmovisão politeísta (SANTOS, 2015), sendo ela uma manifestação regida pelos ensinamentos de vida, onde, em comunhão, todos se unem sem distinção, sem estigmatização.

Apontando as confluências entre os povos quilombolas, explicadas historicamente, Bispo narra as diferenças das crenças dos povos originários e de quilombolas e as crenças euro-cristãs monoteístas advindas por meio da violência colonial. Ao trazer forçosamente

para o Brasil diversos povos africanos e jogá-los nos territórios indígenas, Bispo explica que as diferenças entre os modos de ser os aproximou, tanto nas relações com a natureza que são parecidas, como na forma de pensar. E, mesmo com línguas diferentes, fizeram uma aliança cosmológica, por meio da qual foi possível se entender.

Nessa mesma discussão, percebemos com Santos (2018) que o olhar colonizador para a espiritualidade é vertical, linear. E, por não fazer curvas, diverge e resiste aos olhares confluentes dos indígenas e quilombolas, que compreendem suas divindades de forma circular, presentes em diferentes espaços e tempos. Desse modo, por pensar e agir de forma circular, não existe fim e sempre há alguma forma de recomeçar, pois: “Mesmo que queimem a escrita, não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados. Mesmo queimando o nosso povo, não queimarão a ancestralidade.” (SANTOS, 2015, p. 45).

Assim, além das relações cosmogônicas e das espiritualidades confluentes entre os dois povos em questão, destacamos também suas interações com o planeta e a luta pela sua defesa. Destarte, também apresentamos algumas contribuições de Ailton Krenak e Antonio Bispo que nos levam à reflexão acerca do que compreendem como preservação do Meio Ambiente e a importância de fazê-lo.

Assim, nas discussões acerca desta temática, percebemos nos dois autores o engajamento e a defesa da conscientização sobre os cuidados com a natureza. Esses debates nos fazem refletir em relação às possibilidades de preservação, bem como em relação às perspectivas a serem observadas e de qual ponto de partida é possível observar essas relações e porquê eles devem ser diferenciados.

Em *Ecologia Política* (2018), Krenak apresenta um conceito de ecologia buscando aproximá-lo das pessoas que vivem e estão em contato direto com a natureza. Para isso, ele busca explicitar os significados da floresta para os povos originários. A floresta, que para ele quer dizer vida, precisa, portanto, ser preservada. E essa floresta precisa ser respeitada não somente por existir, mas também pelos povos que a constituem, que são os povos indígenas.

Por isso, com o ambientalista, compreendemos que o conceito de ecologia deve se aproximar de uma perspectiva contra-hegemônica, se distanciando da colonialidade violenta

que assola os povos indígenas e busca extingui-los. Com a extinção desses povos, a floresta se torna mais fácil de ser destruída, transformada mais rapidamente em instrumento de lucro e após a substituição de vidas humanas pela manutenção do monopólio econômico, irreversivelmente arruinada.

Na mesma perspectiva, Bispo também se soma ao debate ao reforçar a necessidade da biointeração. Para ele, são inteiramente viáveis possibilidades de convivência mais harmoniosa entre os diversos povos a partir da confluência e da interlocução entre a perspectiva desenvolvimentista e as experiências da biointeração entre os seres. Esse entendimento se constitui pela relação entre os cuidados com a terra pelas pessoas e as possibilidades de ela existir. Assim, Santos (2015) aponta a imprescindível tarefa de deixar a terra viva, para que tenha força para germinar, florir e descansar.

E, expondo as relações dos povos tradicionais com a terra e com o cultivo, não aponta esta como propriedade individual, mas como parte do indivíduo ser pertencente a ela. Para Nêgo Bispo, não é prudente que se diga “aquela terra é minha”, mas sim “nós somos daquela terra”. Assim, seria possível uma melhor delimitação do respeito que se deveria ter com a mãe terra e uma maior compreensão de que a terra é viva e, uma vez que ela pode produzir, ela também precisa descansar.

Desse modo, a partir da ideia da biointeração, Antonio Bispo nos incita a compreender o lugar dos elementos naturais nas dinâmicas de produção coletiva de significados e de reprodução da vida, das culturas, identidades e comunidades, nos convocando a pensar nas possibilidades de comunidades autossustentáveis e o papel que as formas de interação e manejo da natureza podem desempenhar na reoxigenação do corpo, como forma de contraposição ao sistema de destruição vigente.

E, como forma de denúncia, em algumas de suas participações em webinários online, Antonio Bispo expõe o que o capitalismo está fazendo com a agricultura, incrementando venenos insistentemente, matando animais, plantas, peixes, e revertendo a culpa para os pequenos agricultores, que não são envolvidos em grandes esquemas de produção de agrotóxicos, mas acabam sendo culpabilizados. E essa culpa, que ele direciona aos laboratórios e as grandes empresas responsáveis por essa tragédia, com aval do Estado brasileiro, precisa ser mais exposta e mais problematizada perante as mídias sociais.

No sentido de denúncia, Krenak também expõe as razões históricas que fundam esse sistema de exploração. Para tanto, traça um paralelo de como o capitalismo institui sua essência de destruição da natureza sob o aval do Estado, que é quem lucra em cima de vidas humanas e destruição de terras.

Para Ailton Krenak, o descaso e a omissão do Estado Brasileiro perante às populações indígenas é uma das maiores crueldades do sistema colonizador. Ao denunciar a exploração de terras, os investimentos altíssimos em obras de feitas e nada proveitosos para os povos originários, expõe como os saberes ancestrais e os direitos indígenas são violados. Para tanto, se propõe a derrubar todas as formas de sobreposição da economia em detrimento de vidas humanas, vidas ceifadas e marginalizadas para manter o poder econômico na mão de poucos, como historicamente ocorre nas sociedades marcadas pelo sistema capitalista.

Para tanto, Krenak busca dar uma maior ênfase ao termo “Mãe Natureza”. Ele diz que todo mundo conhece essa frase e finge que entende, mas que matam essa mãe, esquartejam essa mãe, vendem essa mãe. Assim, ele narra que o viver na terra precisa ser equilibrado, e citando um provérbio indígena, defende que nós, seres humanos, devemos passar pela terra como um pássaro. Com passos leves e sem deixar rastros, para deixar um mundo sustentável para as gerações futuras.

Quando dialoga sobre as relações sociais e com a natureza, Bispo aponta como confluências a tradução dessas relações e a forma como elas se dão no mundo. Entretanto, para o mestre quilombola, confluência se trata de uma palavra germinante, e não um conceito. Com isso, ele aponta que essas relações podem ser compreendidas de diversas formas, em diferentes manifestações e em diferentes espaços, podendo as confluências ocorrerem nos mais diferentes tipos de interação humana e/ou interação humana com o meio ambiente.

No âmbito da educação, Bispo aponta que sua principal confluência é o fato de que ele se formou no saber tradicional e pesquisa no saber acadêmico, diferentemente do que acontece na maioria das vezes. Na grande quantidade de pesquisas científicas, artigos, dissertações e teses que tratam do estudo de práticas e saberes de comunidades tradicionais, se trata de pessoas que se formaram no saber acadêmico e posteriormente voltaram o olhar

às populações de modos de vida tradicionais. Com ele, ocorreu o contrário; por uma escolha política de resistência, escolheu não ir à universidade. Foi alfabetizado com o objetivo de traduzir os ofícios de seu povo, que sempre compartilhou seus saberes por meio da oralidade. Mas, posteriormente, resolveu abandonar os estudos, pois a escola tinha uma perspectiva adestradora e estava sugando sua essência, escravizando sua alma e apagando sua identidade.

Quanto ao termo, o mestre quilombola afirma preferir a denominação ensinamento ao invés de educação, pois, segundo ele, é uma ideia que se aproxima e tem relação direta com o sistema colonizador. Para Bispo, a educação se relaciona com a perspectiva de “adestramento”, que é o que se faz com os animais. Essa perspectiva, que faz parte da metodologia colonialista, difere do ensinamento, que é uma metodologia contra-colonialista.

Essa metodologia, segundo ele, não tem como ser descolonizada, pois é um dos instrumentos mais eficazes do colonialismo. O que ele defende é que seja possível viabilizar as tarefas de contra-colonizar as vidas, que significa atuar a partir do saber orgânico, compreendendo a educação como uma mercadoria, a diferencia do saber orgânico, que é todo o saber aprendido por meio das relações com as mestras e mestres do ofício, a partir da ancestralidade e de suas relações com a natureza, com os cosmos, com a espiritualidade. Assim, Santos (2021), expressa que o grande embate que se tem entre a colonização e a contracolonização é a desmercantilização do saber e a substituição da educação pelo ensinamento.

Aqui, achamos importante acrescentar que as diferentes compreensões acerca da educação são válidas em suas complexidades, e acreditamos que é possível pensar numa educação contra-colonial. Não só é possível como pensamos ser primordial no ofício docente o compromisso com a descolonização e com a luta contra os processos que marginalizam grupos sociais diversos da lógica ocidental hegemônica, viabilizando a conscientização coletiva dos educandos e a formação de cidadãos que possam, queiram e, de fato, consigam subverter a lógica colonizadora.

Além disso, podemos destacar como indispensável ao debate da interculturalidade e educação as atividades de cunho educativo e social desenvolvidas por Krenak através do

Núcleo de Cultura Indígena, em Minas Gerais. Essas ações, integradas entre diferentes povos indígenas, possibilitam a compreensão de diversos valores, ainda que indiretamente, pelas crianças e jovens que participam dos festivais. Sobre eles, que são realizados em grandes aldeias, Ailton Krenak comenta em seu livro, *O lugar onde a Terra descansa*:

(...) nós estamos cantando para as pedras, para a montanha, para as águas dos rios, para os peixes. Estamos cantando para os pássaros. Quando estamos cantando para os pássaros, eles cantam para a gente. O gavião, quando estamos dançando no terreiro, eles passam em cima do terreiro, dão cada chamada aguda! Respondendo a nossos cantos. Nós cantávamos para os rios; nós chamamos o céu para dançar com a terra; nós cantamos para os lagos, para as pedras; cantamos para as montanhas, para o espírito da montanha que está aqui (KRENAK, 2000, p.37).

Sem dúvida, o potencial de conscientização coletiva a ser adquirido nas atividades são gigantes em sua essência. A partir das trocas e das relações com a natureza, estimula a intimidade da troca do ser humano com o meio ambiente e a importância de respeitá-lo e reverenciá-lo. Além do fato de que se estimula o respeito aos animais, aos rios, as relações entre as pessoas, entre os povos, evidenciando como as interações entre diferentes povos indígenas implica na exponencialização dos sentimentos de identidade e pertencimento.

Ademais, Krenak também deixa explícito em todas as suas aparições em eventos que os diálogos precisam estar vivos para que possibilitam a decolonialidade em seus diferentes espaços, e que, mesmo sob a consciência de que estamos imersos num mundo colonial, o tempo continua sendo precioso e é por isso que é preciso fazer dele por inteiro um espaço de luta. Essas e outras pontuações nos permitem refletir acerca da contra-colonização dentro dos processos de escolarização e/ou dos demais processos de práticas educativas, que pode ocorrer em ambientes institucionalizados ou não.

5. Conclusões

A partir da pesquisa, foi possível destacar diferentes tipos de conhecimento que vêm sendo produzidos pelos dois autores analisados. Observamos uma infinidade dos valores e ideologias presentes nas formas de ver o mundo de Krenak e de Bispo. Os estudos nos mostraram como esse campo epistêmico precisa ser defendido em todas as suas pluralidades. Ao apresentarem outras formas de se pensar a existência humana no mundo e todas as suas relações com ele, enriquecem o debate e nos instigam à reflexão da necessidade de uma conscientização coletiva.

Além disso, nos mostra a interculturalidade manifestada em diferentes campos e de

diferentes formas, como uma postura teórico-prática diante do mundo. A interculturalidade está atravessada nas confluências entre os debates de um e de outro, nas relações das multiplicidades étnicas e ideológicas presentes nos modos de vida dos diferentes povos e de diferentes culturas no Brasil, nas aproximações entre as temáticas e no principal ensinamento que a compreensão da interculturalidade nos proporciona: a de compreender o nosso lugar no mundo, numa postura crítica, questionando o pensamento único e dialogando com todas as formas de ser e existir nele.

Dessa forma, foi possível expandir e evidenciar a importância dessas epistemologias para a valorização e respeito aos povos originários, negros e quilombolas, buscando compartilhá-los com a comunidade acadêmica com o objetivo de também dar um passo à frente no que diz respeito à luta anti-colonial nesses espaços. Esses aprendizados são primordiais para a reflexão acerca da vida no planeta terra, à medida que nos questionam sobre o nosso lugar na existência e na luta por uma sociedade justa.

Nossa análise também suscitou muitas interrogações que nos acompanharam durante a pesquisa. Essas reflexões, que, provavelmente, não responderemos, apresentamos porque as consideramos necessárias ao debate quando questionamos a viabilidade de interações entre posições teórico-práticas antagônicas entre os diferentes grupos.

Assim, compreendendo que essas populações também são afetadas pelo colonialismo, importa indicar que as culturas, estão vivas e em constante movimento, portanto, não estão livres do pensamento colonizador, e lutam continuamente para reafirmar seus valores. E, mesmo em luta, algumas relações poderão estar permeadas pelo pensamento colonialista.

Nesse sentido, procuramos dialogar com Boaventura de Souza Santos (2007), que nos apresenta a ecologia de saberes como possibilidade de diálogo com o conflito. Ele apresenta a necessidade da construção de um pensamento pós-abissal, que é contrário ao pensamento abissal, fruto do pensamento moderno ocidental. Dessa forma, a ecologia de saberes surge como fruto e parte do pensamento pós-abissal, sendo o fator que media a interligação de diferentes pensamentos e relações. Nas palavras do autor:

Na ecologia de saberes cruzam-se conhecimentos e também ignorâncias. Não existe uma unidade de conhecimento, assim como não existe uma unidade de ignorância. As formas de ignorância são tão heterogêneas e interdependentes

quanto às formas de conhecimento. Dada essa interdependência, a aprendizagem de certos conhecimentos pode envolver o esquecimento e em última instância a ignorância de outros. Desse modo, na ecologia de saberes a ignorância não é necessariamente um estado original ou ponto de partida. Pode ser um ponto de chegada. Pode ser o resultado do esquecimento ou da desaprendizagem implícitos num processo de aprendizagem recíproca. (SANTOS, 2007, p. 87).

Assim, reforçamos que embora reconheçamos as confluências existentes entre os diferentes povos e suas culturas e modos de viver, destacamos que os conflitos estão presentes porque são formas de viver e existir que se encontram ou desencontram na história dos povos, confluindo em algumas situações e repelindo-se em outras. Assim, apresentar e compreender a ecologia de saberes como possibilidade não implicou a obtenção de respostas, mas se tornou um convite a contínuas perguntas e reflexões. Reflexões quase paradoxais, pois ao mesmo tempo em que compreendemos a interculturalidade como convivência entre multiplicidades étnicas e culturais, as relações de diferentes povos podem se dar de maneira conflitante. Conflitos que serão importantes se entendidos no cruzamento dos conhecimentos e das ignorâncias.

6. Perspectivas de futuros trabalhos

Essa pesquisa foi muito importante para nossa formação e despertou nosso interesse na perpetuação do estudo dessas temáticas numa pós-graduação. Por meio das reflexões sobre a pedagogia decolonial, a interculturalidade e os saberes interculturais na perspectiva dos autores quilombolas e indígenas possibilitada pelos planos de trabalho aos quais fui bolsista, se torna viva a possibilidade de prosseguir com esses estudos num mestrado acadêmico.

Dessa maneira, ainda voltando o olhar para os povos que historicamente foram marginalizados, interessa direcionar uma futura pesquisa buscando compreender os saberes e práticas educativas e interculturais sob a perspectiva indígena ou quilombola, pretendendo vivenciar mais de perto o cotidiano e seus modos de ser, saber e viver. Com isso, o plano de trabalho se apresenta como um fator de grande incentivo à pesquisa científica, ao passo que inspira a continuidade dos estudos na pesquisa acadêmica, nesse caso, na pós-graduação.

7. Referências bibliográficas

KRENAK, Ailton. Ecologia Política. ETHNOSCIENTIA. V. 3 (n.2 especial), pp. 1-2, 2018.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. A presença indígena na universidade. Maloca - revista de estudos indígenas. Campinas, n. 1, v. 1, pp. 9 - 16, jul. - dez. de 2018.

KRENAK, Ailton; REYES-ARAVENA, A. O cuidado como base epistemológica da produção técnica do antropoceno. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v. 2, n.1, pp. 129-163, 2018.

KRENAK, Ailton. O insustentável abraço do progresso ou era uma vez uma floresta no Rio Doce. In: DOMINGUES, A; RESENDE, M. L. C.; CARDIM, P. **Os indígenas e as justiças no mundo Ibero-Americano (Sécs XVI-XIX)**. Lisbon Historical Studies, Lisboa, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, A. (Org). Tempo e história. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

KRENAK, Ailton. Paisagens, territórios e pressão colonial. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, volume 9, número 3, p. 327- 343, julho-dezembro de 2015.

KRENAK, Ailton. 2020. Do tempo. Coleção Pandemia Crítica. N-1 Edições. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/038>. Acesso em: 05/04/2022.

KRENAK, Ailton. História indígenas e o eterno retorno do encontro. In: LIMA, Pablo Luiz de (Org.). Fontes e reflexões para o ensino de história indígena e afrobrasileira: uma contribuição da área de História do PIBID/FaE/UFMG. Belo Horizonte: UFMG – Faculdade de Educação, 2012. p. 114-131. (Coleção Pibid Faz)

KRENAK, Ailton. Pensando com a cabeça na Terra. Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo, v. 3, n. 3, 2017. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/2641>. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

MILANEZ, F.; SÁ, L.; KRENAK, A.; CRUZ, F.; URBANO, E. e PATAXÓ, G. Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas. Direito & Praxis, Rio de Janeiro, v.10, n.3, p.2161-2181, 2019.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Somos da terra. Piseagrama, Belo Horizonte. Nº 12, 2018, p. 44 - 51.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília, INCTI, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Cupim que vai pra festa de tamanduá. Praia Vermelha, Rio de Janeiro, v.30, n.02, jul/dez 2020.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos, Nova Iorque, n.79, p. 71-94, novembro de 2007.

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO CINEMA E DA CULTURA. Diálogos contemporâneos: Conferência com Ailton Krenak. Youtube, 18 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJlaLUUfmr8&ab_channel=Associa%C3%A7%C3%A3oAmigosdoCinemaedaCultura>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

COLETIVO LEGÍTIMA DEFESA. Diálogos Amefricanos: Confluências na Retomada com Cacique Babau e Nego Bispo. Youtube, 15 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Akm9vLsy5cw&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=24&t=2508s&ab_channel=ColetivoLeg%C3%ADtimaDefesa>. Acesso em 02 de maio de 2022.

CULTURGEST. A difícil arte da confluência. Youtube, 28 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZhhs98SVxc&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=1&ab_channel=Culturgest> . Acesso em 06 de março de 2022.

ACARTE LIMEIRA. Antonio Bispo: falando sobre quilombolas. Youtube, 22 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OJZWP-FUpJU&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=2&ab_channel=AcarteLimeira>. Acesso em 06 de março de 2022.

UNIPERIFERIAS. Significações da periferia: representações, confluências e transgressões. Youtube, 25 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=3&ab_channel=UNiperiferias>. Acesso em 08 de março de 2022.

MARÉ (UNB). Roda de conversa com o mestre quilombola Antonio Bispo dos Santos. Youtube, 31 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=39WrbYFO5Oo&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=4&ab_channel=MAR%C3%89%28UnB%29>. Acesso em: 10 de março de 2022.

GRUPO ENCRUZILHADA. Nêgo Bispo - Saberes quilombolas parte 1. Youtube, 05 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ByWld8Gonr8&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=5&ab_channel=EncruzilhadaGrupo>. Acesso em: 12 de março de 2022.

ITAÚ CULTURAL. Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola. Youtube, 15 de março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=6&ab_channel=Ita%C3%BAcultural>. Acesso em: 08 de maio de 2022.

GRUPO ENCRUZILHADA. Nêgo Bispo - Saberes quilombolas parte 2. Youtube, 06 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aAjYeo05DYc&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=7&ab_channel=EncruzilhadaGrupo>. Acesso em: 18 de março de 2022.

DO MORRO PRODUÇÕES. Confluências - Antonio Bispo. Youtube, 28 de junho de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=fi-4T8tdYDY&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=8&ab_channel=DoMorroProdu%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 19 de março de 2022.

CULTURGEST. Antonio Bispo dos Santos - uma reação contra o colonialismo. Youtube, 23 de outubro de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=icN5sJ52bU4&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=9&ab_channel=Culturgest>. Acesso em: 19 de março de 2022.

EDUCATIVA MUSEU NACIONAL. 2º Ciclo Formativo (Webinário) Antonio Bispo: interação com a natureza e a produção de significados. Youtube, 16 de setembro de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=jsGAoPEYIDs&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=10&ab_channel=EducAtivaMuseuNacional>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

CONFLUÊNCIAS AFROINDÍGENAS. Perspectiva contracolonial - Mestre Antonio Bispo dos Santos. Youtube, 10 de dezembro de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=11&ab_channel=Conflu%C3%AanciasAfroind%C3%ADgenas>. Acesso em: 03 de abril de 2022.

COLETIVO CATARSE. “Não existem coincidências, existem confluências” - Antonio Bispo na #UPMSCultura. Youtube, 02 de dezembro de 2015. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yn7Ba1Xhp6E&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=12&ab_channel=ColetivoCatarse>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

MUDA OUTRAS ECONOMIAS. Ciclo Outras Economias - Cosmologias do dinheiro com Nego Bispo e Ailton Krenak. Youtube, 18 de maio de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ueQAV_4fWbY&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=13&ab_channel=MUDAOutrasEconomias>. Acesso em 10 de abril de 2022.

LISTA: LAB. INTERAÇÕES SOCIOTECNICOAMBIENTAIS. Confluências Contracoloniais. Jerá Guarani e Antonio Bispo dos Santos. Youtube, 03 de dezembro de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=rAVS2Rbe3g0&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=16&ab_channel=LISTA%3ALab.Intera%C3%A7%C3%B5esSociotecnicoambientais>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

COLABORAMERICA TV. Descolonização: outras formas de estar no mundo - Antonio

Bispo, Rosane Borges e Julieta Paredes. Youtube, 17 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1wQiO0UYo_U&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=15&ab_channel=ColaborAmericaTv>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

SIPAD COMUNICA. Aula aberta com o Mestre Antonio Bispo: a resistência quilombola contra a colonização. Youtube, 07 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CGSfDG-K5yw&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=16&ab_channel=SIPADComunica>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

UNB MAIS EDUCAÇÃO. Partilha de Práticas e Saberes Quilombolas - Antônio Bispo, Quilombo Saco do Curtume - PI. Youtube, 03 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kv_EJ4bJu8k&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=17&ab_channel=UnBMaisEduca%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

SABERES TRADICIONAIS UFMG. Videoaula: Confluências Quilombolas Contra a Colonização #01 - Mestres Naldim e Nêgo Bispo. Youtube, 18 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3aCjFO7rNE&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=18&ab_channel=SaberesTradicionaisUFMG>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

PPGA - UFPA. Aula Magna: Ideias para Contra-colonizar a Antropologia. Youtube, 29 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-uTiUdluL4E&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=19&ab_channel=PPGA-UFPA>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

MEIO NORTE MAIS. Quilombo é retratado e viaja o mundo nas palavras de Antonio Bispo. Youtube, 03 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=odP9CBbY_Qg&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=20&ab_channel=MeioNorteMais>. Acesso em: 08 de maio de 2022.

CIRCUITO CULTURA. Diálogos entre saberes - Antonio Bispo e José Jorge de Carvalho. Youtube, 07 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fy8eizFf_sk&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=21&ab_channel=CircuitoCultura>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

DISRITMIAS. Disritmias: Antônio Bispo dos Santos - Saber orgânico y saber sintético. Youtube, 28 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C1OpyYnoav0&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=22&ab_channel=Disritmias>. Acesso em: 18 de maio de 2022.

YLE ASÈ EGI OMIM. No pé do berimbau - Antonio Bispo. Youtube, 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MvpX2IIMhN0&list=PLnqbkbZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=24&ab_channel=YleAs%C3%A8EgiOmim>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

KWAME KWANZA. Nêgo Bispo em Laranjeiras. Youtube, 08 de novembro de 2019.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dq26-s1THYw&list=PLnqbkZBZkAPctqdB9Q3itLREI4CgB0q5b&index=25&ab_channel=KwameKwanzaa>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

ÍNDIO CIDADÃO - O FILME. Índio cidadão?. Youtube, 05 de outubro de 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Ti1q9-eWtc8&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=1&t=1s&ab_channel=%C3%8DNDIOCIDAD%C3%83O%3F-OFILME>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

CENTRAL DE ARTES UFF. Espiral dos Afetos - Ideias para adiar o fim do mundo. Youtube, 26 de março de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NUhCKS_UezM&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=2&ab_channel=CentrodeArtesUFF>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

SELVAGEM - CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. Conversa Selvagem - Cristine Takuá, Carlos Papá e Ailton Krenak. Youtube, 07 de abril de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=znGTLXAxpI&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=3&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

LILI SCHWARCZ. Lili entrevista Ailton Krenak. Youtube, 02 de julho de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GIZ0hRuRXqc&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=4&ab_channel=LiliSchwarcz>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

RODA VIVA. Roda Viva - Ailton Krenak. Youtube, 19 de abril de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=5&ab_channel=RodaViva>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Vozes da floresta - Ailton Krenak. Youtube, 14 de abril de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=6&ab_channel=LeMondeDiplomatiqueBrasil>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

ITAÚ CULTURAL. Ailton Krenak - Culturas indígenas. Youtube, 21 de setembro de 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=7&ab_channel=Ita%C3%BACultural>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

PRAZER, KARNAL. Indígenas no Brasil e Meio Ambiente - Ailton Krenak. Youtube, 13 de agosto de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iOaof1ChHCs&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=8&ab_channel=Prazer%2CKarnal-CanalOficialdeLeandroKarnal>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

REDE TVT. Bom para todos! Uma nova forma de pensar, com Ailton Krenak. Youtube, 07 de janeiro de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=8Ik8hNQirls&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=9&ab_channel=RedeTVT>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

PROVOCA. Ailton Krenak - Provocações. Youtube, 06 de agosto de 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dBk8gk-cOec&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=10&ab_channel=Provoca>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

20 IDEIAS. 20 ideias para girar o mundo - Ailton Krenak. Youtube, 09 de julho de 2012.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=f48HAu0bNPc&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=11&ab_channel=20ideias>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

AGENCIAMENTOS. Ailton Krenak - Filosofia ameríndia: por um outro modo de pensar e viver. Youtube, 23 de junho de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=g4_hnApXhrU&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=12&ab_channel=agenciamentos>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

CANAL GNT. Ailton Krenak e uma pergunta: o que é VIVER BEM para você? Menos é mais? Tecnologias da Esperança. Youtube, 20 de setembro de 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tOLDIb-EXRg&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=13&ab_channel=CanalGNT>. Acesso em: 02 de junho de 2022.

TV 247. Uma nova forma de pensar, com Ailton Krenak. Youtube, 16 de abril de 2022.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-36g1mMpCTY&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=14&ab_channel=TV247>. Acesso em: 03 de junho de 2022.

TEDX TALKS. O tempo do mito - Ailton Krenak. Youtube, 10 de setembro de 2020.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=SqNqsNxOh_E&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=15&ab_channel=TEDxTalks>. Acesso em: 05 de junho de 2022.

FILIARAXÁ. Mia Couto, Ailton Krenak e Afonso Borges - "O Futuro das Almas e do Planeta". Youtube, 02 de novembro de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qe53WZnj8NM&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=16&ab_channel=Fliarax%C3%A1>. Acesso em: 07 de junho de 2022.

JORNALISTAS LIVRES. Ailton Krenak - A vida não é útil. Youtube, 02 de agosto de 2020.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=rjj8pkKQCRQ&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=18&ab_channel=JornalistasLivres>. Acesso em: 08 de junho de 2022.

SELVAGEM - CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. Ailton Krenak fala sobre um mundo utilitário. Youtube, 12 de maio de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Wn0j1PMYmW8&list=PLnqbKZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=19&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida>. Acesso em:

10 de junho de 2022.

NEXO JORNAL. “Enquanto tiver gente no Brasil, vai ter presença indígena” - Entrevista com Ailton Krenak. Youtube, 25 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=urjJWpGMJQ&list=PLnqbkZBZkAPcpMY3IIHdE4s6rOnZeGG3f&index=22&ab_channel=NexoJornal>. Acesso em: 13 de junho de 2022.

UNBTV. Diálogos: desafios para a decolonialidade. Youtube, 16 de julho de 2019. Disponível em: <https://youtu.be/qFZki_sr6ws>. Acesso em: 14 de junho de 2022.

UOL. Ailton Krenak fala de COP26, governo Bolsonaro, Amazônia e mais. 03 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/NSfsLoQKi04>>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

O LUGAR. Radicalmente vivos - Ailton Krenak no SIM. Youtube, 18 de março de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/4NLcCm9bGrs>>. Acesso em: 16 de junho de 2022.

ITAÚ CULTURAL. A arte como construção de futuros possíveis, com Christian Dunker e Ailton Krenak. Youtube, 16 de março de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/JSCuJtkbBNE>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.